



BETAR
& ARTES
LETRAS

#134 | OUTUBRO | 2021

Seja Dia Seja Noite Pouco Importa

Obras inéditas de Pedro Calapez e
André Gomes, no Museu Coleção Berardo

B
Betar

B

Desde 1973 na vanguarda da engenharia



Casa na Azóia

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**

B
Betar

Com a chegada do outono, e já iniciadas as novas temporadas das salas de espetáculos, a oferta cultural é bastante variada este mês.

O Teatro Nacional Dona Maria II tem em cena a peça “Juventude Inquieta”, com texto e direção de Joana Craveiro; no Museu Coleção Berardo, a exposição “Seja Dia Seja Noite Pouco Importa” reúne obras inéditas de Pedro Calapez e André Gomes; no Museu Nacional Soares dos Reis, “Azul e Ouro – Esmaltes em Portugal” dedica-se em exclusivo, e pela primeira vez em Portugal, ao esmalte artístico, desde a Época Medieval até à Época Moderna; e em frente ao MAAT podemos ver a instalação de Grada Kilomba: “O Barco/The Boat”, sendo que no dia 17 haverá uma performance no local.

No que respeita a concertos, Salvador Sobral sobe ao palco do Centro Cultural Olga Cadaval, em Sintra; David Fonseca atua no Cineteatro Municipal João Mota, em Sesimbra; a Casa da Música, no Porto, apresenta o festival “Outono em Jazz”; e no Salão Nobre Palácio Marquês, na Câmara Municipal de Oeiras, realiza-se o CROMA, Ciclo de Música Contemporânea de Oeiras. Esta edição conta ainda com uma entrevista ao arquiteto Steven Evans, que nos fala do seu percurso e a quem agradecemos toda a disponibilidade e simpatia; e com uma sentida homenagem ao Engenheiro Grade Ribeiro, que realizou muitos trabalhos em conjunto com a BETAR, e onde não o esqueceremos.

EDITORIAL

José Ferreira

edidor convidado

BETAR

A BETAR esteve envolvida no projeto de uma casa, dos arq. Steven Evans e Ricardo Jacinto, situada no sopé da serra de Sintra, com vista para o mar



edifício é constituído por um corpo estrutural único, com uma estrutura resistente em betão armado, formada por lajes, vigas, paredes, muros de suporte e pilares. Apresenta um piso térreo, confinado entre muros de suporte e vigas de fundação, que vencem o desnível para o exterior, e cobertura. As lajes e platibandas da cobertura são em betão aparente. A conceção arquitetónica define claramente cinco módulos, de geometria retangular em planta, identificáveis pelo tipo e forma da cobertura dos espaços interiores. O primeiro módulo apresenta uma cobertura em abóbada; segue-se um outro, de cobertura plana, onde se localiza a cozinha, as áreas de serviço e os corredores, que se desenvolve em torno de um pátio interior; finalmente, sucedem-se três módulos de diferentes dimensões, igualmente com coberturas em abóbada, onde se localizam os quartos.

Casa na Azóia

Projeto: 2005
Obra: 2008
Área Bruta de Construção:
250 m²
Dono de Obra : Clarisse
Jacinto
Arquitetura : Steven Evans
+ Ricardo Jacinto
Especialidades: Fundações
e Estruturas
Fotografia: Daniel Malhão

À CONVERSA COM

Arq. Steven Evans

“Com todas as pessoas com quem trabalhei houve sempre um ponto em comum: a facilidade de rir. As afinidades afinam-se, mas sem rir é difícil ser-se arquiteto.”



ARQ. STEVEN EVANS

Em que momento da sua vida se cruzou com a arquitetura ao ponto de decidir que era esse o caminho que queria seguir?

Tenho memórias de uma casa na qual passei os verões até aos seis anos, na Ericeira, num edifício pombalino que existia à frente da Praia dos Pescadores. Esse edifício foi demolido à volta de 1980, tinha eu seis anos. Há pouco tempo desenhei uma planta dessa casa e os meus pais confirmaram que estava bem. Ainda na Ericeira, o Arq. José Daniel Santa-Rita, amigo dos meus pais, remodelou uma antiga taberna para casa de férias da sua família e que frequentei em criança. A entrada é um corredor longo de pé-direito duplo sobre o qual se debruçam duas janelas, uma em cada extremidade. No fundo do corredor há um pequeno buraco aberto na parede para que da cozinha se consiga ver quem entrou na casa. Uma mistura de encenação e sentido utilitário. Gosto muito de arquitetura há muito tempo.

Colaborou com o Arq. Vítor Figueiredo, com o Arq. José Neves e com a Arq. Ana Costa, teve sociedade com o Arq. Miguel Abecasis e várias co-autorias com outros colegas. Fale-nos um pouco do seu percurso.

Não colaborei com o Arq. Vítor Figueiredo mas visitei o atelier ao longo de uns anos. Foi o arquiteto colossal que conheci. Ao fazer o projeto da minha primeira moradia visitei a sua obra da Mitra à procura de uma essência que não se dissipasse com o tempo. A ESAD assombrou-me durante vários anos e é para mim uma obra tão

importante como a FAUSP do Villanova Artigas ou a Bauhaus do Gropius. Dessas três escolas, é a que eu gostaria de ter projetado.

Fiz depois uma moradia com o Ricardo Jacinto, colega de curso e artista. Foi uma de várias co-autorias pontuais com amigos ao longo de anos, iniciadas em 1993 com uma proposta para o Memorial aos Judeus Assassinados da Europa, com Ernst Volland. A última foi uma proposta para habitação coletiva de custos controlados para Alfazina, com Gonçalo Pereira, em 2020. A mais longa foi com o Miguel Abecasis, entre 2002 e 2012, ano em que me estabeleci em São Paulo durante um tempo. Temos obra em Espanha e Portugal.

Com o José Neves fiz amizade no fim da minha faculdade. Em 2009 convidou-me a entrar na equipa de projeto de execução da Escola Secundária Francisco de Arruda. Foram quatro meses intensos de atelier. O Zé é outro amigo a quem devo muito e uma das pessoas, a par do Eng. Miguel Villar, que me ensinou a trabalhar.

Em 2011 fui convidado pela Ana Costa, de quem já era amigo, para a ajudar na implementação dos seus projetos em São Paulo. O maior foi o fit-out completo de um edifício de grande altura, o meu primeiro contacto com uma obra grande a decorrer a par e passo com o desenvolvimento do projeto: uma novidade para aquilo a que estava habituado.

Com todas as pessoas com quem trabalhei houve sempre um ponto em



Escola Superior Agrícola Conde de São Bento, Santo Tirso

comum: a facilidade de rir. As afinidades afinam-se, mas sem rir é difícil ser-se arquiteto.

Em 2013 ingressou na Bernardes Arquitectura, um dos ateliers de maior nome no Brasil. Como resume essa experiência? Permitiu-lhe uma aprendizagem de métodos e visões de projetar diferentes?

Em 2013 recebi um convite do Thiago Bernardes para continuar em São Paulo e coordenar um projeto bastante grande. Em Portugal tinha a sorte de ter um amigo, o Arq. Vasco Melo, a fazer uma assistência técnica irrepreensível à nossa obra da Quinta de Fora em Santo Tirso e os meus outros clientes não tinham pressa. Aceitei o convite e durante seis anos coordenei uma equipa com quem projetei moradias e habitação coletiva do chamado “alto padrão”. O Hotel Fasano Angra, de 20.000m², foi o mais difícil: programa complexo, um operador hesitante e exigente, um dono de obra que queria acelerar e gastar o estritamente necessário, obra e projetos desenvolvidos em simultâneo, obra inaugurada dois anos depois do início dos trabalhos, altamente detalhada das fachadas ao mobiliário fixo. Foram os anos em que usei as minhas referências

americanas. Voltei em 2018 para estudar a viabilidade de um hotel Fasano em Lisboa mas os grandes edifícios que interessavam já estavam demasiado caros. Despedi-me do Thiago e retomei os meus trabalhos que recomeçavam a andar, voltando ao mundo dos projetos de execução fechados e quantificados antes do início das obras. No Brasil, foi sempre diferente disso.

Voltou a traçar um novo caminho, agora com atelier próprio. Pretende focar-se em projetos específicos?

A Arq. Milla Machado, que conheci em São Paulo e com quem me casei, tem uma experiência muito grande em Interiores. A sua abordagem e conhecimentos específicos já se traduziram numa série de trabalhos que temos vindo a construir de há um ano para cá. Interessa-nos a arquitetura e não propriamente programas funcionais, que são pontos de partida apenas.

Como definiria a sua identidade enquanto arquiteto? O que pretende com cada projeto?

O Duke Ellington disse um dia: “There are two kinds of music. Good music, and the other kind.” Gostava de me enquadrar na primeira, sempre.

SUGESTÕES

ARTES



Seja Dia Seja Noite Pouco Importa

Esta mostra reúne obras inéditas de Pedro Calapez e André Gomes. Constituída por pinturas, desenhos e fotografias, pretende ensaiar um cruzamento entre os olhares e meios de expressão destes dois artistas, no seguimento de uma longa cumplicidade relativa ao trabalho individual de cada um. Calapez e Gomes são dois artistas em tudo diferentes, sem que algo aparente os aproxime. Não obstante, a exposição traduz-se em algo coerente, de fortes correspondências, muito devido ao facto de haver uma continuidade de temas e de ideias nas práticas de ambos os artistas.

ATÉ 17 DE OUTUBRO

Museu Coleção Berardo, Lisboa

ARTES

Azul e Ouro - Esmaltes em Portugal

Esta exposição é dedicada em exclusivo, e pela primeira vez em Portugal, ao esmalte artístico, desde a Época Medieval até à Época Moderna. As peças que serão expostas foram produzidas entre os séculos XII e XIX, sobretudo nas oficinas da região de Limoges. Destaque para uma série de 26 placas de esmalte pintadas no século XVI, proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e vários tesouros nacionais, como o tríptico da Paixão de Cristo, do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo; dois cofres da Sé de Viseu, peças do século XII; e uma placa de encadernação de finais do século XII.

ATÉ 31 DE OUTUBRO



Museu Nacional Soares dos Reis, Porto

Com o progressivo alívio das medidas de combate à pandemia, a lotação das salas dos espetáculos culturais aumentou mas a segurança mantém-se. Em outubro há muita variedade



PERFORMANCE

Grada Kilomba: O Barco/The Boat

“O Barco/The Boat” é uma instalação da artista Grada Kilomba, composta por 140 blocos de madeira queimada, que formam a silhueta do fundo de uma nau e desenharam minuciosamente o espaço criado para acomodar os corpos de milhões de africanos, escravizados pelos impérios europeus. A obra estende-se junto ao Tejo por 32 metros de comprimento. No próximo dia 17 de outubro, às 16 horas, haverá uma performance na qual várias gerações das comunidades afrodescendentes são as intérpretes centrais. Com produção musical de Kalaf Epalanga, a instalação torna-se um lugar de reconhecimento, um jardim de memória e contemplação do futuro, uma vez que em cada bloco há um poema, recordando histórias e identidades esquecidas.

DIA 17 DE OUTUBRO

Junto ao MAAT

MÚSICA



Salvador Sobral

DIA 08 DE OUTUBRO NO CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL, SINTRA

Salvador Sobral apresenta ao vivo o seu mais recente álbum de estúdio, “bpm” que assinala a primeira vez que se aventura na edição de um disco composto inteiramente por originais de sua autoria, em parceria com Leo Aldrey. “Sangue do meu sangue” é o primeiro single do conjunto de 14 canções inéditas.

David Fonseca

30 OUTUBRO NO CINETEATRO MUNICIPAL JOÃO MOTA, SESIMBRA

David Fonseca é um dos músicos e compositores mais diversificados da música portuguesa. Comemorou 20 anos de carreira recentemente e continua a desbravar novos caminhos na música e na arte. “Radio Gemini Closer” é o cruzamento do cinema e das imagens com a sua música num espetáculo peculiar.



Outono em Jazz

ENTRE 10 E 31 DE OUTUBRO NA CASA DA MÚSICA, PORTO

O Outono em Jazz é o pretexto para levar à Casa da Música algumas das propostas mais vibrantes da atualidade. Na sua sétima edição, o festival continua a revelar a melhor música que se faz sob a capa abrangente de um género marcado pelo culto da improvisação e da inovação.

CROMA, Ciclo de Música Contemp. de Oeiras

6 A 10 DE OUTUBRO SALÃO NOBRE PALÁCIO MARQUÊS, CM. OEIRAS

Este ciclo pretende promover a música contemporânea portuguesa. No dia 6, haverá um concerto do Quarteto de Cordas de Matosinhos. No dia 7 é a vez do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Dia 8, concerto de Música Eletrónica e dia 9 o ensemble Vertixe Sonora. A 10 sobe ao palco o Lisbon Ensemble 20/21.



TEATRO

Juventude Inquieta

Neste regresso ao D. Maria II, com o Teatro do Vestido, Joana Craveiro lança um olhar sobre os sonhos e as aspirações da juventude em diferentes épocas. Inspirada no romance de Augusto Abelaira, “A Cidade das Flores”, de 1959. Passado em Florença, na época da ascensão e afirmação do fascismo de Benito Mussolini, este livro tem inspirado e levado a refletir sobre a resistência ou a luta ativa contra os sistemas autoritários – velhos e novos - e a inércia que se instala. Inércia à qual, em tempos, se dava o nome de conformismo, resignação, ou mesmo, colaboração. “Juventude Inquieta” cruza várias gerações de intérpretes/criadoras em cena, debruçando-se sobre: como se avança daqui para a frente? Como se combate a ascensão dos velhos e novos fascismos? **DE 16 A 31 DE OUTUBRO**

Teatro Nacional Dona Maria II
Texto e direção: Joana Craveiro
Co-criação e interpretação: David dos Santos, Estêvão Antunes, Francisco Madureira, Gonçalo Martins, Gustavo Vicente, Inês Minor, Inês Rosado, João Raposo Nunes, Sara Ferrada, Simon Frankel, Tânia Guerreiro, Tozé Cunha, Violeta D’Ambrósio

MOÇAMBIQUE

ARTES



Cor e emoções

Fundação Fernando Leite e Couto, Maputo

O artista plástico Matheus Sithole aprendeu a desenhar ainda na infância, desinteressadamente. Quando chegou a Maputo percebeu que podia ganhar a vida vendendo os seus trabalhos. A partir daí procurou aperfeiçoar o traço realista que persegue, num exercício que busca captar as cores quentes. Nestes tempos de selfies e de rostos escondidos por trás das máscaras, a obra de Sithole reatualiza-se. Os seus trabalhos são faces de pessoas comuns. Nesta exposição estão patentes obras de pintura, colagem e desenho. **ATÉ 2 DE OUTUBRO**

ARTES

Três Dimensões: Percurso, Densidades e Possibilidades

Centro Cultural Franco-Moçambicano, Maputo

Os centros culturais Brasil Moçambique e Franco-Moçambicano apresentam a exposição “Três Dimensões: Percursos, Densidades e Possibilidades”, com curadoria de Gianfranco Gandolfo e Jorge Dias, constituída por obras tridimensionais dos acervos artísticos destas duas instituições, do Museu Nacional de Arte e da Tmcel – Moçambique Telecom, S.A, e de coleções particulares. Esta mostra expõe variadas leituras dos caminhos da escultura moçambicana nos últimos 50 anos, das diferentes linguagens, materiais, técnicas e tendências dentro de diferentes contextos sociais e culturais. **ATÉ 30 DE OUTUBRO**



PARA LER



Último Olhar Miguel Sousa Tavares

Foi lançado em setembro o novo romance de Miguel Sousa Tavares. Descrito como uma história sem tréguas nem contemplações, onde o passado cruza o presente e o presente interroga o futuro que queremos ter.

Pablo tem 93 anos, viveu a Guerra Civil Espanhola, esteve nos campos de refugiados da guerra em França, e quatro anos no campo de extermínio nazi de Mauthausen. E depois viveu 75 anos tão feliz quanto possível.

Inez tem 37 anos, é médica e vive um casamento e uma carreira de sucesso com Martín, em Madrid, até ao dia em que conhece Paolo, um médico italiano que está mergulhado no combate a uma doença provocada por um vírus novo e devastador.

Essa nova doença, transformada numa pandemia sem fim, vai mudar a vida de todos eles, convocando-os a enfrentar dilemas éticos a que se julgavam imunes.

A confissão da leoa Mia Couto

Jovens que trabalhavam no mato, dormindo em tendas de campanha e circulando a pé entre as aldeias, constituíam um alvo fácil para os felinos. Era urgente enviar caçadores que os protegessem. Os caçadores passaram por dois meses de frustração e terror, acudindo a diários pedidos de socorro até conseguirem matar os leões assassinos. Mas não foram apenas essas dificuldades que enfrentaram. De forma permanente lhes era sugerido que os verdadeiros culpados eram habitantes do mundo invisível, onde a espingarda e a bala perdem toda a eficácia. Aos poucos, os caçadores entenderam que os mistérios que enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta. Uma história inspirada em factos e personagens reais.



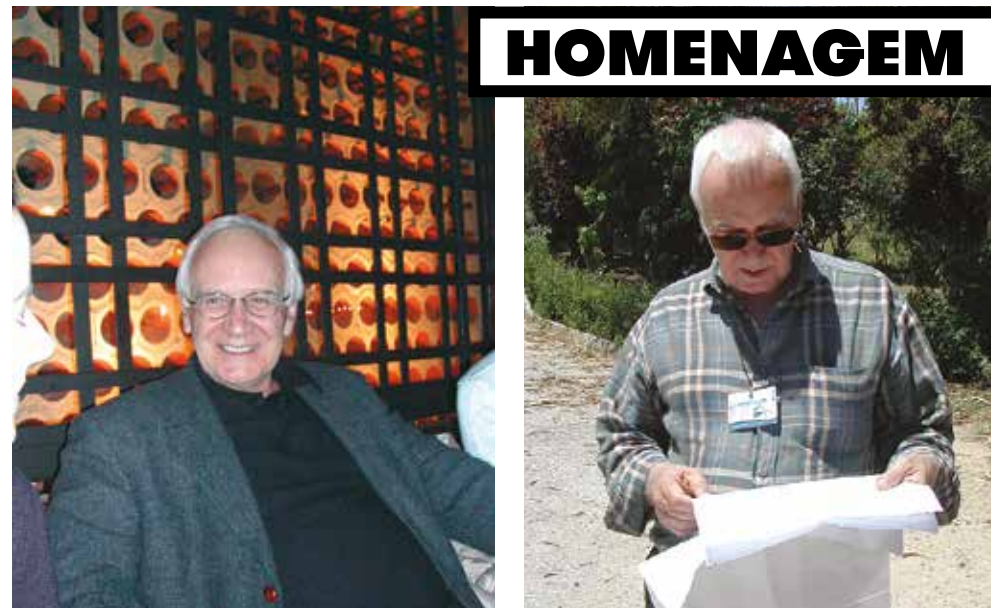


Nordeste Brasileiro – Parte 3

De Beberibe, no estado do Ceará, destaco o artesanato de areia colorida e as falésias de diversas tonalidades, que acompanham a orla marítima. O cartão de visita é o Morro Branco, uma praia contornada por dunas e recifes, onde se fazem passeios de buggy. Fiquei instalada junto à bonita praia das Fontes, conhecida pelo labirinto, um conjunto de falésias coloridas, de onde se retiram areias de colorações variadas. No meio das formações rochosas surgem lagoas de água doce e fontes que oferecem banhos refrescantes. Na capital do Ceará, Fortaleza, recomendo uma visita ao teatro José de Alencar, com a sua fachada interior em estrutura metálica de estilo art-nouveau; ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; ao Mercado Central e ao Emcetur, ambos centros de venda de artesanato.

Em Maceió, a capital do estado de Alagoas, pernoitei na Ponta Verde, uma praia urbana, pontuada por coqueiros, de areias claras, mar de águas mornas e piscinas naturais na maré baixa. Recordo os bares de praia, o caldinho de sururu, os pratos de carne de sol e feijoada, as chuvadas repentinas, a feirinha de artesanato local e o facto de, aos domingos, fecharem a avenida marginal para área de lazer. Reservo ainda umas linhas para Maragogi, situado na área de preservação ambiental da Costa dos Corais, que se estende de Maceió até Tamandaré, zona considerada como o Caribe Brasileiro pelas praias e mar paradisíacos.

por Maria do Carmo Vieira



Mestre Grade

Mestre Grade Ribeiro [1941-2021], um Engenheiro que quem conheceu não esquece. Um homem que tinha mais de 80 anos e ainda era uma inspiração em termos de profissionalismo, vitalidade e boa disposição. Tive a sorte de conhecer o Eng. Grade Ribeiro na minha primeira entrevista de emprego e, desde então, foi sempre alguém que muito respeitei e admirei ao longo dos anos que trabalhamos em conjunto. Foi um colega, um amigo e um Mestre da minha arte.

Participou em projetos desafiantes como o Centro Cultural de Belém, Sede do Banco de Portugal, Fundação Champalimaud e muitos outros, impressionando sempre pelo seu vasto conhecimento e pela sua humildade.

Realizou muitos trabalhos com a BETAR, onde não o esquecemos. Em cada reunião em que participava deixava a sua marca profissional e boa disposição. Cada reunião com o Eng. Grade era diferente e inesquecível. Além de Engenheiro também foi pintor. Realizou, em 2003, uma exposição na Ordem dos Engenheiros.

Ficou conhecido no seu meio por Mestre Grade e esse título, deve-se ao seu profissionalismo e à vontade em explicar os Projetos de Hidráulica a todos os presentes nas reuniões. Ensinou-me que, dessa forma, conseguimos um melhor projeto, pois todos colaboram de uma forma mais ativa.

Com o Eng. Grade Ribeiro aprendemos que a simplicidade é o último degrau da sabedoria.

por Pedro Durão



Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Casa na Azóia